

## **O parto do instituto Luz do Faroeste**

“O sol é o rei das coisas visíveis assim com o bem é o rei das coisas invisíveis”

### **Platão, A República**

Ao longo de seus vinte anos de estrada a companhia Pessoal do Faroeste, capitaneada pelo diretor e dramaturgo Paulo Faria, se dedicou a construir uma arte de resistência em diálogo profundo com nosso tempo e com nosso espaço. Brasil, Centro de São Paulo, região da Luz, século XXI. Eis nosso templo – espaço e de onde recomeçamos nossa luta.

Nessa trajetória encontramos uma bela e universal definição do gênero faroeste que nos atravessou: o faroeste é uma luta entre o bem e o mal em uma terra em processo civilizatório. As desumanidades cotidianas que afligem o centro de São Paulo nos lembram todo dia do bang - bang da vida real e como a luta por Direitos Humanos é uma primeira e fundamental linha divisória que distingue aliados de inimigos e/ou desavisados nessa batalha.

Para atravessar essa “onda” fascista neoliberal que está afogando, democracias, direitos humanos e trabalhistas no mundo da modernidade líquida, precisamos estar muito atentos aos rápidos fluxos da história, para pensarmos as formas de resistência coerentes com o nosso tempo. Mas também devemos resgatar as formas de troca e resistência que nunca deveriam ter sido abandonadas ou negligenciadas, como o diálogo. Ferramenta maior na construção de uma visão transversal de conhecimento e na construção de uma política mais participativa e inclusiva.

É nesses tempos revoltos, mas também cheios de esperança que surge o Instituto Luz do Faroeste. E nós temos lado na história. Não nos omitimos, pelo contrário, nos insurgimos. Arte e cultura, educação, inovação e pesquisa, meio ambiente, entre outras frentes de luta serão organizadas

para no diálogo dos saberes batalharmos por uma sociedade mais justa e harmoniosa.

A busca pela autonomia no conhecimento passa pela necessidade de uma liberdade coletiva no conhecimento. *Dimidium facti qui coepit habet: Sapere aude*. Aquele que começou está na metade da obra: ouse saber (Horácio).

Pela justiça social. Pela diversidade. Pelas populações pobres e marginalizadas desse país: pela população negra, pelos povos indígenas e quilombolas, pela comunidade LGBTQIA+, pelas mulheres, pela classe trabalhadora brasileira, pelo direito de divergir, sonhar e materializar os nossos sonhos. Pela inserção dos saberes ancestrais nos centros de conhecimento brasileiros, excluídos pela lente excessivamente positivista e eurocêntrica das academias. Pela autonomia do pesquisador brasileiro. Pela luta por uma ciência brasileira forte e independente. Livre dos colonialismos estrangeiros, institucionais e epistemológicos. Antropofagia. Com os centros de pesquisa que nosso patrimônio ambiental merece. Pela Amazônia. Pelo sonho concreto que será a luta de transformar São Paulo na maior metrópole verde do mundo. Pelos rios de São Paulo e do Brasil. A luta ancestral pela terra. Pela memória. As veias abertas da América Latina escorrem o sangue dos que construíram e constroem a liberdade que colapsa diante dos nossos olhos.

Alerta, desperta, ainda cabe sonhar! (Jonathan Silva)

**“Morte e vida das hipóteses. Da equação Eu parte do Cosmos. Ao axioma Cosmos parte do Eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia”.**  
**(Oswald de Andrade)**

O Brasil, companheiras e companheiros de luta, está em processo de invenção e o Instituto Luz do Faroeste convoca todos para essa batalha. Não vamos desistir do Brasil. Vamos de mãos dadas.

Assino e dou fé

**Felipe Pan Chacon**, futuro vice-presidente do Instituto Luz do Faroeste e diretor musical da Cia Pessoal do Faroeste.

**31 de outubro de 2018,**

**Dia do Saci e das Bruxas.**

**Ano 464 da deglutição do Bispo Sardinha**